



## *The purple land* na crítica cultural de Jorge Luis Borges

MARCELO NEDER CERQUEIRA<sup>1</sup>

O presente artigo analisa a importância da novela de *The purple land* (1885, 1904) do anglo-argentino William Henry Hudson (1841-1922) na crítica cultural de Jorge Luis Borges (1899-1986) e no debate intelectual na Argentina e na América Latina no começo do século XX. Pretende-se analisar o movimento de autocrítica realizado pelo autor com sua obra de juventude através da análise crítica de dois de seus ensaios sobre a novela “*The purple land*” escritos em contextos históricos distintos: *La tierra cárdena* (1926) e *Sobre The purple Land* (1941/1952).

Borges passara a sentir-se incomodado com algumas marcações políticas do ideário estético que direcionou suas primeiras obras publicadas na década de 1920.<sup>2</sup> O motivo mais aparente do desconforto de Borges se devia ao uso da ortografia *criolla* como busca por uma linguagem particular que definisse o caráter autêntico e original da identidade nacional argentina. Já em fase autocrítica, Borges considerou essa busca estética artificial e passou a defender que a valor da literatura argentina (e também do pensamento crítico latino-americano) estaria no trânsito livre e heterodoxo por diferentes tradições culturais, longe da crença em uma “cor local” nacional.<sup>3</sup>

Em sua conferência *El escritor argentino y la tradición* (1951), Jorge Luis Borges confronta alguns aspectos dogmáticos postos pelo panteão da literatura nacional. O

---

<sup>1</sup> Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (2016) e pesquisador do Laboratório Cidade e Poder (LCP/UFF).

<sup>2</sup> Jorge Luis Borges publicou três coletâneas de ensaios na década de 1920. São elas: *Inquisiciones* (1925), *El tamaño de mi esperanza* (1926) e *El idioma de los argentinos* (1928). Diferentemente de suas obras poéticas publicadas no mesmo período, as referidas coletâneas de ensaios nunca foram revisadas e reeditadas pelo autor em vida. Embora tenham sido compostas a partir de artigos publicados em revistas literárias na época, Borges delegou as referidas coletâneas ao ostracismo, negando inclusive a sua existência ou simplesmente manifestando completo desinteresse em reeditá-las. A publicação deste conjunto de obras foi autorizada após o falecimento de Borges por Maria Kodama, viúva do escritor e detentora dos direitos autorais de sua obra. Os três referidos livros de ensaios se converteram em sucesso editorial entre o público argentino em meados da década de 1990, reanimando o interesse contemporâneo pela obra do escritor. Segundo a escritora Rosa María Pereda, em matéria publicada no jornal *El País*, em janeiro de 1994, mais de 15 mil exemplares de *El tamaño de mi esperanza*, dentre outras obras de Borges, foram vendidos somente na Argentina. Ver: PEREDA, Rosa María. *El libro prohibido de Jorge Luis Borges se convierte en un éxito de ventas en Argentina*. Madrid: El País, 31/01/1994.

<sup>3</sup> A expressão “cor local” foi utilizada pelo próprio Borges em sua conhecida conferência “El escritor Argentino y la tradición” (1951). A conferência foi incluída posteriormente na edição definitiva de *Discusiones*. Ver: BORGES, Jorge Luis. “O escritor Argentino e a tradição” (1951). In: BORGES, Jorge Luis. *Discussão*. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

escritor conduz o debate sobre identidade nacional enfatizando o valor positivo da miscigenação cultural nas formações sociais latino-americanas. Ao se perguntar se existe uma “cor local” da literatura argentina, Borges operava então um conceito de identidade nacional aberto e plural, defendendo que este deveria valer-se da pluralidade de tradições culturais como definição da própria identidade. A suposta ausência de uma “cor local” foi assim interpretada pelo autor como um valor positivo – uma condição imaginada como lugar privilegiado de interlocução cultural. As palavras de Borges seriam talvez menos dissonantes não fosse o contundente movimento de autocrítica que o autor realizou com sua obra de juventude que se desenvolvera comprometida com aspectos político-ideológicos do nacionalismo cultural modernista da década de 1920. A querela de Borges com a “tradição nacional” aqueceu o debate intelectual na Argentina e na América Latina em uma conjuntura histórica marcada pelo nacionalismo e pela ação devastadora do fascismo no Ocidente.

A partir da crítica de Borges conclui-se que tal busca estética pela “cor local” nacional foi conduzida por um conceito de cultura marcado pela idealização e por um ideal de pureza que tende à reprodução da dependência cultural inscrita em uma dinâmica complexa de violência simbólica. Por sua vez, a crise estética e filosófica encenada pelo escritor repercute de forma prototípica o enfrentamento do pensamento crítico com a “questão religiosa” na América Latina – que como um sintoma característico do processo histórico ibero-americano retorna inadvertidamente em contextos históricos de aceleração da experiência moderna e acirramento da luta de classes.<sup>4</sup>

Considerando a crítica de Borges no corpo geral de sua crítica cultural, a expressão “cor local” alude à novela *The purple land* – “terra púrpura”, numa tradução livre –, do naturalista anglo-argentino William Henry Hudson (1841-1922), também conhecido como Guillermo Enrique Hudson. Publicada em 1885, na Inglaterra, e revisada pelo autor em edição definitiva de 1904, a novela aqueceu o debate intelectual argentino na década de 1920 como expressão *sui generis* da literatura nacional *criolla*. No ensaio *La tierra*

---

<sup>4</sup> Ver: NEDER CERQUEIRA, Marcelo. *Relações de força na passagem à modernidade na América Latina: cultura, poder e subjetividade*. Tese (doutorado em História). Orientadora: Samantha Viz Quadrat. Niterói: Programa de Pós-graduação em História (PPGH) da Universidade Federal Fluminense (UFF), 2016.

*cárdena*, presente na coletânea de ensaios *El tamaño de mi esperanza* (1926),<sup>5</sup> Borges faz uma defesa apaixonada do *criollismo* de Enrique Hudson, comparando inclusive a narrativa de Hudson com *Martin Fierro*: “el sentimiento criollo de Hudson, hecho de independencia baguala, de aceptación estoica del sufrir y de serena aceptación de la dicha, se parece al de Hernández” (BORGES, 2012: 33).

Na década de 1920, a prosa poética *Martín Fierro* (1871, 1879),<sup>6</sup> escrita por José Hernández em dois volumes, consolidou-se como um documento/monumento da identidade *criolla* e da literatura nacional argentina.<sup>7</sup> O livro já havia sido alçado como obra fundamental da literatura nacional por Leopoldo Lugones, em *El payador* (1916),<sup>8</sup> consolidando a tradição da literatura gauchesca e influenciando na crítica modernista dos jovens intelectuais comprometidos com o nacionalismo cultural. A obra de José Hernández emprestou seu nome à revista literária *Martín Fierro*, fundada em 1924, em Buenos Aires, onde Borges publicou diversos textos até o final da década de 1920. Com sede na esquina das ruas *Florida* e *Tucumán*, a revista transformou-se na principal referência editorial de um círculo de intelectuais *martinfierristas* que projetavam o personagem épico de José Hernández como programa estético-político. Nota-se que o campo intelectual vanguardista latino-americano dos anos 1920, inspirado pelo ultraísmo espanhol, pelo nascente surrealismo francês, pelo expressionismo alemão, dentre outras vanguardas intelectuais do começo do século XX, ensejou a mística nacional romântica como reserva cultural de resistência política ao avanço das transformações modernas e ao imperialismo norte-americano, naquele contexto de grave crise do liberalismo que caracterizou o primeiro pós-guerra.

A novela *The purple land*, de Henry Hudson, foi peça fundamental entre os intelectuais comprometidos com a busca pela autenticidade da identidade *criolla* e pelo

---

<sup>5</sup> BORGES, Jorge Luis. “La tierra cárdena”. In: *El tamaño de mi esperanza / El idioma de los argentinos*. Buenos Aires: Delbolsillo, 2012.

<sup>6</sup> HERNÁNDEZ, José. *El gaúcho Martín Fierro*. Buenos Aires: RTM S.A., 2009.

<sup>7</sup> Jacques Le Goff trabalha a noção de *documento/monumento* para refletir sobre a relação entre história e memória na construção de identidades políticas. O historiador desconstrói a “ilusão positivista” que pensa a dicotomia entre documento e monumento. Ver: LE GOFF, Jacques. “Documento/Monumento”. In: *Memória-História*. Enciclopédia Einaudi, volume 1, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.

<sup>8</sup> LUGONES, Leopoldo. *El Payador – Tomo I: Hijo de la pampa*. Biblioteca Virtual del Bicentenario – Academia Argentina de Letras. Buenos Aires: Otero e Co., 1916.

movimento de retomada da crítica romântica que se fortaleceu na conjuntura histórica em oposição ao positivismo científico. No mesmo referido ensaio *La tierra cárdena*, presente na coletânea *El tamaño de mi esperanza* (1926), o jovem Borges afirma: “De esa novela primordial del criollismo les quiero conversar: libro más nuestro que una pena, sólo alejado de nosotros por el idioma inglés, de donde habrá que restituirlo algún día al purísimo criollo en que fue pensado” (BORGES, 2012: 32). Borges observa ainda que o resumo fundamental da novela de Hudson está no processo de “conversão” do personagem principal – o jovem inglês Richard Lamb – à cultura gaúcha. Segundo Borges:

*El capítulo anteúltimo – en el que Lamb, desde el Sinaí pelado del Cerro, bendice el vivir gaucho y hace la apología del instinto y la condenación de las leyes – es el resumen racional de la obra. Ahí está claro y terminante el dilema que exacerbó Sarmiento con su gritona civilización o barbarie y que Hudson Lamb resuelve sin melindres, tirando derechamente por la segunda. Esto es, opta por la llaneza, por el impulso, por la vida suelta y arisca sin estiramiento ni fórmulas, que no otra cosa es la mentada barbarie* (BORGES, 2012: 32-33).

Borges inclusive condensa os nomes de Henry Hudson com o personagem e narrador de *The purple land*, Richard Lamb, formando “Hudson Lamb”. William Henry Hudson viveu toda sua infância na província de Buenos Aires, se mudando para Londres com trinta e dois anos de idade, em 1874. O naturalista anglo-argentino desenvolveu diversos trabalhos no campo da ornitologia, sendo precursor do evolucionismo no eixo cultural do Rio Prata e fundador da sociedade protetora dos pássaros na Inglaterra. Existem avançados estudos sobre as obras naturalistas de William Henry Hudson. Segundo Marcelo Montserrat, Hudson foi o primeiro leitor de Charles Darwin na Argentina.<sup>9</sup> O autor de *The purple land* realizou pesquisas de campo na Patagônia e manteve assídua correspondência com Darwin. Observa-se que o Rio Prata e a Patagônia fizeram parte do circuito expedicionário de Darwin pela América Latina.

---

<sup>9</sup> MONTSERRAT, Marcelo. *Ciencia, historia y sociedad en la Argentina del siglo XIX*. Centro Editor de América Latina: Buenos Aires, 1993. Ver também: SOLARI, Hermínia; MONJEAU, Adrián. *La presencia de Darwin em Willian Henry Hudson*. Revista Cuyo, vol. 26, Mendoza, 2009.

Entretanto, apesar da relevância de suas obras naturalistas, Henry Hudson foi lido na Argentina a partir de sua novela *The purple land*. O romance foi interpretado pela crítica cultural modernista como vetor da dialética entre civilização e barbárie – dialética esta que deu forma ao florescimento do pensamento moderno na região, mediando a circulação das ideias iluministas no Cone Sul desde o começo do século XIX, com as guerras de Independência e a crise do estado colonial Espanhol. A referência de Borges à obra de Domingos Faustino Sarmiento, *Facundo: civilización y barbárie* (1845),<sup>10</sup> aponta para esse sentido. O nacionalismo cultural do jovem Borges identificava os motivos estético-expressivos da narrativa de Hudson que enfrentavam o ideal de civilização presente na hegemonia liberal conservadora do último quartel do século XIX e começo do século XX. O processo de “conversão” de Richard Lamb à cultura *criolla* implicava, assim, uma inversão crítica dos valores civilizacionais, favorecendo a virada epistemológica da crítica modernista contra o positivismo científico.

A crítica cultural de Borges sublinha o efeito de valorização da “mentalidade selvagem” presente em *The purple land*. O escritor enfatiza ainda o caráter dissonante do elogio de Hudson à vida gaúcha como uma vida “solta e arisca”, “sem fórmulas”, ativando elementos programáticos das vanguardas estéticas no interior da reflexão sobre a identidade nacional. Richard Lamb opta pelo impulso selvagem e pela *llaneza* da vida solta. Para o jovem Borges, o *llano* torna-se um vocábulo fundamental que expressa a amplitude do pampa gaúcho, mas também a amplitude do próprio pensamento *criollo* – motivo cultural que atua em favor da qualificação de uma identidade nacional em construção.<sup>11</sup> Observa-se que no começo da década de 1920 o efeito de qualificação dessa identidade cultural é escandaloso, porque o pensamento liberal conservador hegemônico entendia a cultura *criolla* americana como um valor negativo que deveria ser superado pela civilização e pela racionalidade instrumental moderna.

---

<sup>10</sup> SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo: civilización y barbárie*. Biblioteca Digital Ayacucho. A edição digital se baseia na edição crítica realizada por Alberto Palcos. La Plata: Universidad Nacional, 1938.

<sup>11</sup> Sobre a relação entre as obras de Hudson e Borges ver: REEDS, Kenneth. *El civilizado sobre el bárbaro: el empleo de William Henry Hudson en la obra de Jorge Luis Borges*. Espéculo Revista de estudios literários, Universidad Complutense de Madrid, 2011; e FERNÁNDES, Laura. *La pampa de memoria: W. Hudson*. Ciberletras: Revista de crítica literaria y de cultura, n. 9, 2003.

*The purple land* foi escrita na Inglaterra, quase dez anos depois que Henry Hudson mudou-se da Argentina. Em tom recordativo e saudosista, a narrativa romantiza a vida bucólica do pampa em evidente contraste com o ideal de civilização da sociedade industrial. *The purple land* narra a tragédia da cultura gaúcha, entendida como expressão agonizante da Natureza – na fantasia romântica de uma “vida natural” que expressa a própria liberdade da condição humana. Hudson-Lamb opta pelo ideal primitivo, pelo impulso, pela vida solta, arisca e sem fórmulas: expressões típicas da sensibilidade romântica que na década de 1920 ensejavam a valorização da subjetividade, mas que também davam forma à ideia que se fazia da cultura latino-americana frente ao ideal de progresso e civilização eurocêntricos. Remontando a comum idealização de uma paisagem bucólica frente ao avanço das transformações modernas, *The purple land* configura, assim, uma narrativa de contra fluxo às representações dominantes da sociedade industrial, se inserindo numa complexa dialética do colonialismo inglês.

A narrativa de Henry Hudson poderia ser identificada ainda no escopo da sensibilidade “romântica pós-romântica” dos “vitorianos anti-vitorianos” ingleses. Aqui tomamos emprestadas as expressões utilizadas por Maria Lucia Garcia Pallares-Burke para caracterizar a formação intelectual de Gilberto Freyre na Inglaterra, mais precisamente na “Oxford de Walter Pater” – tal como referiu o jovem crítico pernambucano, sublinhando sua admiração pelo esteta inglês e pela tradição intelectual que influenciou de sobremaneira a crítica modernista na virada para o século XX.<sup>12</sup> Seguindo as pistas levantadas por Pallares-Burke nota-se que uma mesma matriz crítica “romântica pós-romântica” esteve presente na formação intelectual de Jorge Luis Borges e Gilberto Freyre. Seria o caso de observar que ambos intelectuais e ensaístas partilharam de semelhante história de “amor pela Inglaterra”.<sup>13</sup>

Formado na Escola Batista de Recife e enviado pela família para concluir seus estudos nos EUA, Gilberto Freyre decepcionou-se com o ambiente racista da formação protestante conservadora oferecida na Universidade de Baylor. Situada na pequena cidade texana Waco, nos EUA, parte integrante do *Bible Belt*, na região do sul e meio oeste norte-

<sup>12</sup> PALLARES-BURKE, Maria Lucia Garcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.

<sup>13</sup> PALLARES-BURKE, Maria Lucia Garcia. *Gilberto Freyre na Inglaterra: uma história de amor*. Artigo publicado em janeiro de 1997, na Biblioteca Virtual Gilberto Freyre.

americano escravagista, Baylor era conhecida como “Vaticano Batista”. A decepção de Freyre com a experiência em Baylor conduziu a guinada epistemológica do jovem intelectual em direção ao culturalismo de Franz Boas, na Universidade de Columbia, com quem tomou aulas em Nova York. Foi na mesma Nova York cosmopolita, em tudo diferente da provinciana Waco, que Freyre presenciou com fascinação a aula pública de outro influente intelectual inglês, Gilbert Chesterton,<sup>14</sup> dando provas que seu caminho de reconversão ao catolicismo nascia em analogia a esse conjunto de experiências e desilusões com o fanatismo religioso puritano, no que tange especialmente ao racismo e à compreensão pejorativa da miscigenação. Cabe observar que Chesterton foi conduzido por semelhante processo de conversão ao catolicismo, que se arrastou desde o último quartel do século XIX, se concretizando definitivamente em 1922. A conversão de Chesterton foi mediada pela influência dos textos do Cardeal Newman, que introduziu o crítico e jornalista nas leituras tomistas.

Jorge Luis Borges, por sua vez, foi alfabetizado simultaneamente em espanhol e inglês, graças à influência da avó paterna do escritor, Francis “Fanny” Haslam, de ascendência irlandesa, que morava a poucas quadras de sua *old house*,<sup>15</sup> no velho e místico bairro Palermo, onde Borges viveu toda sua infância. Nota-se que a obra poética de juventude de Jorge Luis Borges encenou com paixão o reencontro do escritor com sua cidade e seu bairro familiar, após uma estadia duradoura da família na Europa, por conta do tratamento médico da cegueira congênita de seu pai.<sup>16</sup> Aos nove anos de idade, o menino Borges, chamado então Georgie, traduzia do inglês para o espanhol *O Príncipe Feliz*, do escritor Oscar Wilde, também de origem irlandesa. Como sabido, a obra de Jorge

---

<sup>14</sup> Freyre relata no Diário de Pernambuco, em 1921, que a aula pública de Chesterton foi uma de suas primeiras experiências quando chegou em Nova York. Ver: PALLARES-BURKE, Maria Lucia Garcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*. São Paulo: Ed. Unesp, 2005, p. 70.

<sup>15</sup> Walter Pater escreveu importante texto autobiográfico intitulado *The child in the house*, escrito entre 1878 e 1895. Pallares-Burke sustenta que Gilberto Freyre apropriou a noção de “casa” ou *old house* – “velha casa”, em português –, desenvolvida por Walter Pater, para desenvolver suas análises sobre a casa-grande no imaginário cultural colonial brasileiro. Um glossário de expressões gramaticais do texto *The Child in the House*, de Walter Pater, encontra-se disponível no artigo *Apetite pelo sagrado* (2008), de minha autoria junto com o professor Gisálio Cerqueira Filho. Ver: NEDER CERQUEIRA, Marcelo e CERQUEIRA FILHO, Gisálio. *Apetite pelo Sagrado*. III Congresso de Psicopatologia Fundamental e IX Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental. Universidade Federal Fluminense: setembro de 2008.

<sup>16</sup> As três primeiras obras poéticas Jorge Luis Borges publicadas na década de 1920 – *Fervor de Buenos Aires* (1923), *Luna de enfrente* (1925) e *Cuaderno San Martín* (1929) – encenam o reencontro apaixonado de Borges com seu bairro familiar e sua cidade. Ver: BORGES, Jorge Luis. *Primeira poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Luis Borges construiu uma profunda interlocução com as obras de Keats, Chesterton, Walter Pater, Shakespeare, Oscar Wilde, James Joyce, Walt Whitman, Bernard Shaw, William Morris, Thomas Hardy, dentre outros estetas e críticos da língua inglesa.

Convém ainda observar que a “questão irlandesa” na virada para o século XX mediou contundentes conflitos político-ideológicos em relação à cultura religiosa e à luta de classes na Inglaterra. Os ingleses “românticos pós-românticos” mantiveram-se particularmente simpáticos à resistência irlandesa, calçada no catolicismo e no amplo movimento de retomada tomista que endossou a resistência nacional da Irlanda frente à infame ocupação da Inglaterra. A “questão irlandesa” se sobrepunha, portanto, ao movimento filosófico de aproximação com o catolicismo que os intelectuais “românticos pós-românticos” mobilizaram contra a sociedade industrial moderna e o utilitarismo inglês. A crítica romântica à sociedade industrial ativada por essa tendência intelectual mantinha, pois, uma sutil correspondência com o movimento de retomada tomista consolidada nas duas margens do Atlântico pela encíclica papal *Rerum Novarum*, de 1891, proferida pelo papa Leão XIII.

Nota-se que John Henry Newman (1801-1890), sacerdote anglicano, antes de sua conversão definitiva ao catolicismo, liderou o “Movimento de Oxford”, que pregava renovação espiritual anglicana em aproximação com a Igreja católico-romana. Convertido ao catolicismo, Newman foi reitor da Universidade Católica da Irlanda, em 1854. Duas décadas mais tarde, Henry Newman foi tornado cardeal pelo papa Leão XIII, em 1879. Em 2010, Newman foi beatificado pelo papa Bento XVI, sendo aclamado hoje como “São Newman”. A beatificação de Newman insere-se em um contexto de reaproximação da Igreja de Roma com a Igreja da Inglaterra. Parece-nos evidente que temos aí um conjunto de pistas que indicam uma explicação plausível para compreender a circulação desses textos e intelectuais anglo-saxões no campo crítico modernista latino-americano na década de 1920. A análise das obras de juventude de Jorge Luis Borges, mas também de outros intelectuais latino-americanos de sua geração, indicam o amplo movimento de renovação cultural e virada epistemológica que não esteve imune à atração do catolicismo romano. Em viés crítico ao liberalismo, tal atração de se deu em diferentes matizes político-ideológicas, combinando-se de forma heterodoxa com a dinâmica de lutas políticas e sociais da época. Em contexto de expansão destrutiva do capital e

aceleramento das transformações modernas lideradas pelo campo liberal conservador e pela engenharia positivista, a crítica modernista deu forma à retomada tomista que encontrava nas diferentes expressões da cultura nacional-popular uma fonte viva de renovação ideológica.

Em que pese o efeito positivo de valorização da cultura popular e da miscigenação, a crítica modernista dos anos 1920 na América Latina inscreveu-se em um amplo movimento de renovação cultural, mais ou menos articulado com a retomada católica jesuítica. O manejo crítico do nacionalismo cultural do jovem Borges esteve inscrito nesse complexo movimento intelectual. Interessa-nos compreender como a leitura de *The purple land*, de Hudson, constituiu-se como uma das peças centrais desse caminho analítico. Com o amadurecimento intelectual, a crítica de Jorge Luis Borges sofisticou-se e o conjunto de motivações políticas e estéticas de sua obra de juventude foi reelaborado. A paixão pela obra de Hudson continuou, entretanto, a mesma. O movimento autocrítico realizado pelo autor com sua obra de juventude foi um movimento crítico inversamente proporcional à ascensão do fanatismo nacionalista e do fundamentalismo religioso, empalmado por movimentos políticos de inspiração fascista. Tal fenômeno pode ser identificado em todo o campo crítico modernista latino-americano no começo do século XX, especialmente a partir das divergências das vanguardas estéticas com o futurismo italiano de Marinetti ou com movimentos intelectuais católicos de envergadura na época, como a *Action Française*, de Jacques Maritain. Compreende-se, assim, que a própria construção do conceito de identidade nacional expressava um complexo processo de disputa entre diferentes projetos de nação vigentes na época.

Quase duas décadas depois de seu ensaio seminal *La tierra cárdena* (1926), em outro ensaio crítico intitulado *Sobre The purple land*, escrito em 1941,<sup>17</sup> Borges revisitou sua análise da “novela primordial do *criollismo*”, observando que “esta ficción, en realidad, tiene dos argumentos. El primero, visible: las aventuras del muchacho inglés Richard Lamb en la Banda Oriental. El segundo, íntimo, invisible; el venturoso acriollamiento de Lamb, su conversión gradual” (BORGES, 1960: 82). Borges se vale da mesma metáfora da “conversão” de Richard Lamb ao *criollismo*. No ensaio *Sobre The*

---

<sup>17</sup> BORGES, Jorge Luis. “Sobre The purple land”. In: *Otras inquisiciones* (1952). Buenos Aires: Emecé Editores, 1960.

*purple land*, Borges se encontra já em fase autocrítica com os excessos de sua obra de juventude. O escritor sustenta a defesa de Hudson afirmando *The purple land* como obra mais autêntica e original que as obras da literatura gauchesca e desenvolve o insólito argumento de diferentes maneiras. Se referindo aos ensaios do crítico Ezequiel Martínez Estrada sobre Hudson,<sup>18</sup> Borges afirma:

*Quizá ninguna de las obras de la literatura gauchesca aventaje [ultrapasse] a The Purple Land. Sería deplorable que alguna distracción topográfica y tres o cuatro errores o erratas (Camelones por Canelones, Aria por Arias, Gumesinda por Gumersinda) nos escamotearan esa verdad... The Purple Land es fundamentalmente criolla. La circunstancia de que el narrador sea un inglés justifica ciertas aclaraciones y ciertos énfasis que requiere el lector y que resultarían anómalos en un gaucho, habituado a esas cosas. En el número 31 de Sur, afirma Ezequiel Martínez Estrada: “Nuestras cosas no han tenido poeta, pintor ni intérprete semejante a Hudson, ni lo tendrán nunca. Hernández es una parcela de ese cosmorama de la vida argentina que Hudson cantó, describió y comentó... En las últimas páginas de The Purple Land, por ejemplo, hay contenida la máxima filosofía y la suprema justificación de América frente a la civilización occidental y a los valores de la cultura de cátedra”. Martínez Estrada, como se ve, no ha vacilado en preferir la obra total de Hudson al más insigne de los libros canónicos de nuestra literatura gauchesca (BORGES, 1960: 83).*

Seja em *La tierra cárdena* (1926) ou em *Sobre The Purple Land* (1941), Borges mantém seu elogio à obra de Hudson como precursor da literatura argentina, mas transforma radicalmente seu argumento analítico e sua perspectiva cultural. O que mudou entre as duas análises de Borges foi o abandono da busca por um “purismo *criollo*”, tal como se referiu o escritor em *La tierra cárdena*. Para Borges, a narrativa de Hudson expressa melhor e de forma mais autêntica a cultura gaúcha justamente por não se inscrever na busca artificial e idealista da literatura nacionalista. A língua inglesa ocupa nesse sistema intertextual o lugar do outro pelo qual Borges desloca a perspectiva essencialista do conceito de identidade nacional. A novela não deve mais, portanto, ser traduzida ao espanhol *criollo*. Mantida em sua língua original, *The purple land* expressa

---

<sup>18</sup> Os ensaios de Ezequiel Martínez Estrada foram reunidos em “El maravilloso mundo de Guillermo Enrique Hudson” (1951). Ver: ESTRADA, Ezequiel Martínez. *El mundo maravilloso de Guillermo Enrique Hudson*. Beatriz Viterbo Editora, Rosario, 2001.

de forma mais eloquente a experiência da cultura *criolla*. Borges realiza, assim, uma crítica ao ideal de pureza subjacente naqueles que buscam definir a “cor local” de uma literatura nacional. Ao mesmo tempo, por sua vez, o escritor sublinha o processo de “conversão gradual” e *acriollamiento* do personagem principal como o argumento fundamental, “íntimo e invisível” da novela.

Em *La pampa de memoria: W. Hudson*,<sup>19</sup> Laura Fernández conduz a desconstrução da imagem ideal de Henry Hudson lapidada pela hagiografia nacionalista. Segundo a autora, na análise crítica final de Borges, “la inquietante extranjería en su idioma inglés bien castizo háce de Hudson un instrumento útil para confrontar la canonización gaucha y nacionalista” (FERNÁNDES, 2003). Laura Fernández sublinha a disputa ideológica pela qualificação nacional presente no próprio nome do escritor anglo-argentino – seria Willian Henry ou Guillermo Enrique? –, e lembra que, em 1885, o título original de *The purple land* vinha acompanhado do inconveniente subtítulo *that England lost* – “que a Inglaterra perdeu”. Isso porque toda a novela se passa na “banda oriental”, tal como referem os argentinos à região de fronteira onde hoje situa-se o Uruguai – região que foi palco de disputa colonial entre Espanha, Portugal, Inglaterra, Brasil e Argentina. No prefácio da edição de 1904 de *The purple land*, o próprio Hudson justifica a elipse: “casi en toda la región del Globo puede encontrarse una tierra purpúrea, y de lo que debemos llevar cuentas es de lo que ganamos, no de lo que perdemos”.<sup>20</sup> O que estamos enfatizando, entretanto, é o “argumento invisível” que se instaura no debate sobre identidade nacional e tradição cultural: o processo de “conversão” de Hudson-Lamb-Borges vis a vis a retoma tomista no começo do século XX.

Comparando os dois ensaios de Borges sobre Hudson, nota-se ainda que no primeiro o escritor decide pela tradução *tierra cárdena*, que nomeia o ensaio, enquanto que, no segundo, o escritor mantém o título original em inglês. A mudança sutil informa ainda diferentes motivos que incidem no debate sobre o conceito de identidade nacional e miscigenação cultural. Perde-se o duplo sentido agregado pela expressão *cárdena*, que em espanhol *criollo* pode significar tanto a tonalidade purpúrea, roxa, que adjetiva a

<sup>19</sup> FERNÁNDES, Laura. *La pampa de memoria: W. Hudson*. Ciberletras: Revista de crítica literaria y de cultura, n. 9, 2003.

<sup>20</sup> HUDSON, Guillermo Enrique. “Prólogo a la edición de 1904”. In: *La Tierra Purpúrea / Alla lejos y hace tiempo*. Biblioteca digital Ayacucho, p. 40.

suposta “cor local” da terra em questão, quanto pode ser aplicado ao gado criado no pampa que tem a mistura de pelos negros e brancos. A palavra *cárdena* insere-se, portanto, no imaginário do “purismo crioulo” e de sua inquietude frente à miscigenação social. Por sua vez, com o vocábulo *purple* – a cor púrpura, em inglês –, retoma-se a metáfora original para a violência da colonização americana presente na mistura entre as cores *blue* e *red*.

Em 1982, a mesma mistura de cores foi metáfora de Alice Walker em seu romance *The color purple*, conhecido pelo público também pela adaptação cinematográfica de Steven Spielberg (1985). Para Alice Walker, *purple* não se referia apenas às flores dos campos do sul do EUA, mas especialmente à violência da escravidão africana, do racismo e do patriarcalismo colonial, quando o sangue – *red* – implica o negro – *blue* –, tal como indica em inglês, expressando um sentimento de lamento e melancolia da perda, ao passo que está na origem do canto afro-americano, o *blues*, unidade básica da música moderna norte-americana. *The color purple*, a cor do hematoma na pele negra, era uma metáfora para a diáspora africana e para a violência escravista e colonial nas Américas.

A narrativa de Henry Hudson também buscava no vocábulo *purple* uma metáfora para a violência. No capítulo XXVII de *The purple land*, intitulado *Noche y fuga*, Richard Lamb está deitado sob a sombra de uma grande árvore após horas a fio em cavalgada desde a fuga noturna com Demetria. Admirando a amplitude da planície, Lamb divaga: “(...) pienso escribir una narración de mis vagabundeos por la Banda Oriental, y voy a llamar a mi libro La tierra purpúrea, ¿porque que nombre más conveniente puede encontrarse para un país tan manchado con la sangre de sus hijos?” (HUDSON, 174).

Ao indagar se existe uma “cor local” da literatura argentina, Borges convoca a reflexão sobre o conceito de identidade nacional e miscigenação cultural. Interessa-nos compreender como suas análises críticas desenvolvem argumentos invasores no núcleo do dogma ou fundamentalismo político, seja nacional, cultural, religioso ou estético. As análises críticas de Borges questionam o ideal de pureza, essência ou substância nacional, sem perder de vista, todavia, uma reflexão positiva sobre o valor da condição latino-americana – e sem abandonar o elogio à cultura gaúcha presente em *The purple land*. Ao contrário do que a usual caracterização eurocêntrica de sua literatura nos acostumou a enxergar, a crítica ao ideal de pureza reconduziu sua concepção de nacionalismo cultural,

operando um conceito de identidade que aceita a fragmentação, o conflito e a diferença – não apenas no sentido da diversidade cultural, mas como prática heterodoxa de leitura e tradução (ou traição) da tradição.

A miscigenação cultural, neste prisma conceitual, deve ser pensada longe da produção de uma unidade homogênea do que é ser argentino – como se pessoas ou tradições culturais fossem cores que se misturam uniformemente. Para Borges, a ideia de “cor local” é uma ficção. Cabe observar que no começo dos anos 1940, o debate intelectual sobre identidade nacional ainda operava o conceito de raça de forma quase unânime no Ocidente. Mesmo o conceito miscigenação, que pressupõe o intercâmbio cultural, foi pensado na época de acordo com um ideal de pureza da suposta “mistura” que configura um determinado grupo social.<sup>21</sup> Compreendida dentro de uma perspectiva eugênica de assimilação social, o conceito hegemônico de miscigenação não deixou de ser um conceito racista, produzindo efeitos políticos que ecoam ainda na contemporaneidade – tal como podemos observar na consolidação do ideologema da “democracia racial” na formação do mito nacional no Brasil ensejado pelo próprio pensamento cultural de Gilberto Freyre, em *Casa-grande & Senzala*.<sup>22</sup> Em que pese o importante câmbio epistemológico operado na época pelo ensaísta pernambucano, a sutileza das análises de Borges sobre a obra seminal de Hudson apontam para atualidade da cor purpúrea como metáfora da violência na formação social americana.<sup>23</sup>

A crítica ao ideal de pureza da cultura *criolla* deve ser sublinhado como parte de um importante movimento autocrítico de Jorge Luis Borges com certos aspectos de sua obra de juventude. Apresentamos aqui uma pequena amostra de indícios e pistas de como

---

<sup>21</sup> Todavia, o conceito de miscigenação sofre uma torção em autores mais recentes. Veja-se BERLINCK, Manoel Tosta; KOLTAL, Caterina e CANONGIA, Ana Irene. Esquizofrenia e miscigenação in *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, vol. IV, no. 4, dezembro de 2001, p. 11-29. Os autores desenvolvem o conceito de “miscigenação por justaposição” em oposição ao conceito de “miscigenação por mistura”. A miscigenação por justaposição contempla o conflito e a heterogeneidade contra as ideias de harmonia e homogeneidade que geralmente determinam o conceito de miscigenação no pensamento antropológico brasileiro.

<sup>22</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: José Olimpo, 1975.

<sup>23</sup> Cabe observar que os esforços mais inovadores no campo das ciências humanas ainda recorrem aos mesmos conceitos geneticistas e biólogos desde o século XIX. No artigo *Culturas híbridas y estrategias comunicacionales*, Néstor García Canclini faz uma interessante revisão do debate intelectual fomentado pelo seu conhecido livro *Culturas híbridas* (1990). No artigo, o próprio autor vê-se obrigado a justificar o uso da noção de “hibridação”, proveniente das ciências biológicas e retrabalhada pelo autor em conceitos como “processos de hibridação”, “hibridismo cultural” ou “culturas híbridas”. Ver: GARCIA CANCLINI, Néstor. *Culturas híbridas: estrategias para entrar y salir de la modernidade*. México: Grijalbo, 1990.

Borges estabeleceu uma interlocução cultural com determinada crítica inglesa tardo-romântica no que tange a elaboração de um espaço imaginário latino-americano que ainda hoje fala à contemporaneidade como reserva estético-expressiva para possíveis práticas dialógicas de integração regional e leitura de diferentes tradições culturais.

### Referências Bibliográficas:

BERLINCK, Manoel Tosta; KOLTAI, Caterina e CANONGIA, Ana Irene. Esquizofrenia e miscigenação in *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, vol. IV, no. 4, dezembro de 2001, p. 11-29.

BORGES, Jorge Luis. “O escritor Argentino e a tradição” (1951). In: BORGES, Jorge Luis. *Discussão*. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

\_\_\_\_\_. “La tierra cárdena”. In: *El tamaño de mi esperanza / El idioma de los argentinos*. Buenos Aires: Delbolsillo, 2012.

\_\_\_\_\_. *Primeira poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. “Sobre The purple land”. In: *Otras inquisiciones* (1952). Buenos Aires: Emecé Editores, 1960.

ESTRADA, Ezequiel Martinez. *El mundo maravilloso de Guillermo Enrique Hudson*. Beatriz Viterbo Editora, Rosario, 2001.

FERNÁNDES, Laura. *La pampa de memoria: W. Hudson*. Ciberletras: Revista de crítica literaria y de cultura, n. 9, 2003.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: José Olimpo, 1975.

GARCIA CANCLINI, Néstor. *Culturas híbridas: estrategias para entrar y salir de la modernidad*. México: Grijalbo, 1990.

HERNÁNDEZ, José. *El gaúcho Martín Fierro*. Buenos Aires: RTM S.A, 2009.

HUDSON, Guillermo Enrique. *La Tierra Purpúrea / Alla lejos y hace tiempo*. Biblioteca digital Ayacucho.

LE GOFF, Jacques. “Documento/Monumento”. In: *Memória-História*. Enciclopédia Einaudi, volume 1, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.

LUGONES, Leopoldo. *El Payador – Tomo I: Hijo de la pampa*. Biblioteca Virtual del Bicentenario – Academia Argentina de Letras. Buenos Aires: Otero e Co., 1916.

NEDER CERQUEIRA, Marcelo. *Relações de força na passagem à modernidade na América Latina: cultura, poder e subjetividade*. Tese (doutorado em História). Orientadora: Samantha Viz Quadrat. Niterói: Programa de Pós-graduação em História (PPGH) da Universidade Federal Fluminense (UFF), 2016.

NEDER CERQUEIRA, Marcelo e CERQUEIRA FILHO, Gisálio. *Apetite pelo Sagrado*. III Congresso de Psicopatologia Fundamental e IX Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental. Universidade Federal Fluminense: setembro de 2008.

MONTSERRAT, Marcelo. *Ciencia, historia y sociedad en la Argentina del siglo XIX*. Centro Editor de América Latina: Buenos Aires, 1993.

PALLARES-BURKE, Maria Lucia Garcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.

\_\_\_\_\_. *Gilberto Freyre na Inglaterra: uma história de amor*. Artigo publicado em janeiro de 1997, na Biblioteca Virtual Gilberto Freyre.

PEREDA, Rosa Maria. *El libro prohibido de Jorge Luis Borges se convierte en un éxito de ventas en Argentina*. Madrid: El País, 31/01/1994.

REEDS, Kenneth. *El civilizado sobre el bárbaro: el empleo de William Henry Hudson en la obra de Jorge Luis Borges*. Espéculo Revista de estudios literários, Universidad Complutense de Madrid, 2011.

SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo: civilización y barbárie*. Biblioteca Digital Ayacucho. A edição digital se baseia na edição crítica realizada por Alberto Palcos. La Plata: Universidad Nacional, 1938.

SOLARI, Hermínia; MONJEAU, Adrián. *La presencia de Darwin em Willian Henry Hudson*. Revista Cuyo, vol. 26, Mendoza, 2009.